



RELATO DE EXPERIÊNCIA: PIBID HISTÓRIA NO QUILOMBO DO CUMBE, ARACATI - CEARÁ

Antonia Naélia dos Santos Nascimento¹

Lidia Noemíia Silva dos Santos²

RESUMO

O programa institucional de iniciação à docência (PIBID), tem como principal objetivo oferecer aos discentes dos mais variados cursos, na área das licenciaturas, a oportunidade de entrar em sala de aula (e outros espaços), visando um maior aprendizado, experiência e promovendo o aprimoramento da práxis docente. Este trabalho foi construído a partir de vivências proporcionadas em uma aula de campo no Quilombo do Cumbe, situado na cidade de Aracati, localizada no litoral leste do estado do Ceará. Por intermédio da experiência vivida e de fontes bibliográficas, a atividade possibilitou a compreensão de conceitos importantes como resistência, afetividade e memória, que a comunidade quilombola emana, permitindo uma reflexão profunda sobre como esses conceitos se manifestam no cotidiano e na luta pela preservação da cultura e história da comunidade. A aula de campo, portanto, impulsionou a busca por outras fontes sobre a comunidade do Cumbe e as questões enfrentadas por comunidades quilombolas, como a luta por reconhecimento de seus territórios e identidade. Conclui-se que o trabalho contribui significativamente para a formação social e acadêmica, pois promove a reflexão sobre as dificuldades enfrentadas cotidianamente por comunidades constituídas

Palavras-chave: Aula de Campo, Resistência, Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

O programa institucional de iniciação à docência (PIBID), tem como principal objetivo oferecer aos discentes dos mais variados cursos, na área das licenciaturas, a oportunidade de entrar em sala de aula (e outros espaços), visando um maior aprendizado e experiência. O trabalho resulta de vivências proporcionadas em uma aula de campo no Quilombo do Cumbe, situado na cidade de Aracati, localizada no litoral leste do estado do Ceará, a qual visitamos dia 23 de abril de 2025 e através de fontes bibliográficas e produções cinematográficas como documentários, entre outras fontes. O objetivo deste trabalho é debruçar-se sobre as vivências, resistências e afetividades que o Quilombo emana.

Segundo Nascimento (2018), a população do Quilombo do Cumbe é composta majoritariamente por descendentes e/ou remanescentes de quilombolas, que assim como as

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará- UECE, antonia.naelia@aluno.uece.br;

² Doutora pelo Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, lidia.noemilia@uece.br;



demais comunidades brasileiras, lutam diariamente pela preservação dos seus territórios, saberes e ancestralidades. Este, segundo relatos de moradores da comunidade presentes no documentário de Bastos e Bié (2023), vem ao longo do tempo sendo invadido e cerceado por algumas empresas como a Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE (década de 70); a Carcinicultura que vem provocando grandes prejuízos ao território (década de 90), e os Parques Eólicos (2008). Dessa forma, causam impactos ambientais extremos como, por exemplo, caranguejos mortos, soterramento de corpos d'água e cercamentos que comprometem a passagem dos habitantes e destroem o ecossistema, modificando o cotidiano dos habitantes e animais da região. O Quilombo do Cumbe é um local de grande relevância histórica, cultural e social na cidade de Aracati.

Este, valendo-se de algumas fontes, se torna o principal objeto de estudo desta pesquisa, conduzida através da análise de como a comunidade do Quilombo do Cumbe vive, os principais problemas enfrentados pela comunidade e como a mesma supracitada anteriormente resiste perante a exploração, conflitos territoriais e cercamentos vividos diariamente. Pesquisas relacionadas aos quilombos brasileiros são extremamente necessárias, uma vez que, por meio delas, surgem possibilidades de enfrentamento contra o racismo, desigualdades e outros problemas sociais. Nesta perspectiva, a presente pesquisa visa analisar um pouco da história da comunidade quilombola e identificar, como problema central, os fatores que desencadeiam e perpetuam a exploração do Quilombo do Cumbe, localizado no estado do Ceará. Isso abrange as pressões sociais, políticas, ambientais e econômicas existentes e provenientes de empresas de grande porte e influência na região, tais como as do setor eólico, carcinicultura e a Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE).

METODOLOGIA

A metodologia consistiu em uma aula de campo no Quilombo do Cumbe, localizado em Aracati, Ceará. Utilizando uma abordagem qualitativa, que incluiu observação participante, análise de documentários em que integrantes da comunidade relatam as formas de repressão que vivem, análise de trabalhos acadêmicos recentes sobre o Quilombo que fornecem alguns dados sobre a localidade e observação direta. Durante a aula de campo, realizamos uma caminhada acompanhados por uma integrante da comunidade, o que nos permitiu observar diretamente a realidade vivida pela população, majoritariamente composta por descendentes e/ou remanescentes de quilombolas. As observações incluíram aspectos

como mangues mortos, tanques de criação de camarão em cativeiro e cercamentos feitos pela empresa de energia eólica instalada na região. Além disso, algumas imagens foram coletadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo se apoia fundamentalmente em conceitos como resistência, afetividade e memória, elementos cruciais que emanam da experiência e luta contínua da comunidade quilombola do Cumbe. Reconhece-se que os quilombos, historicamente surgidos como resistência, combate e sobrevivência de povos africanos escravizados, perpetuam hoje esse legado, manifestando sua resistência na preservação de sua cultura, história, saberes ancestrais e territórios. Assim, a presente pesquisa se debruça sobre como as vivências e resistências do Quilombo do Cumbe se confrontam com a exploração e os cercamentos desencadeados por pressões sociais, políticas, ambientais e econômicas. Além disso, reiterando que a contribuição de uma comunidade deve sempre ser mais importante do que qualquer empreendimento de valor meramente econômico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando falamos de Quilombo, lembramos da resistência dos povos africanos que foram escravizados, e que durante muito tempo foram explorados, principalmente durante o período colonial, pessoas essas que foram capturadas e trazidas coercitivamente, em navios, através do tráfico transatlântico para o continente Americano. No Brasil, os quilombos surgiram como forma de resistência e até hoje existem comunidades quilombolas contemporâneas, onde os seus descendentes e/ou remanescentes habitam, enfrentando cotidianamente diversas tentativas de dominação e exploração, dentre outros conflitos que os afetam.

A comunidade quilombola do Cumbe vive da pesca, captura de mariscos, caranguejo, ostras entre outros. Assim, estabelecendo uma relação profunda com o ambiente em que vive, tendo a pesca artesanal e o mangue como duas das principais fontes de subsistência e renda local. Além disso, constituem importantes fontes de saberes e conhecimentos ancestrais, transmitidos de geração em geração, contribuindo significativamente para o fortalecimento dos laços comunitários, para a valorização da natureza, bem como para a sua própria existência e resistência.

Segundo Nascimento (2018), o Cumbe é um local que, há muitos séculos, foi e atualmente continua a ser cobiçado por diferentes populações e com intenções distintas.



Existem registros da habitação do território por nativos que deixaram resquícios que são encontrados nas dunas do Cumbe e posteriormente habitado por portugueses e escravizados que ali chegaram e fizeram morada. Além disso, é um local muito conhecido pela produção de gado, abate, couro, charque e a produção de cachaça.

De acordo com os relatos do documentário de Bastos e Bié (2023), a população quilombola do Cumbe sofre com pressões sociais, políticas, ambientais e econômicas oriundas principalmente de empresas como a empresa de energia eólica instalada na região, carcinicultura e CAGECE Companhia de Água e Esgoto do Ceará. Ainda por meio do documentário de Bastos e Bié (2023), é possível observar que a comunidade quilombola do Cumbe tem enfrentado uma série de conflitos e desafios com o passar do tempo.

O primeiro grande conflito se deu a partir da instalação da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), que perfurou poços e levou ao secamento de lagoas que antes eram de acesso comum, tornando a água muito cara para a comunidade.

O segundo grande impacto foi causado pela carcinicultura: criação de camarão em cativeiro, que expulsou os moradores da área do manguezal e, com o uso de produtos químicos, causou a "mortandade de caranguejos", impactando diretamente o alimento, a renda e o ecossistema local.

E o terceiro, mas não menos importante, conflito se iniciou com a instalação dos parques eólicos na região, chegando sem "diálogo com a comunidade" e com promessas de empregos e melhoria de vida que, com o passar do tempo, se revelaram ilusórias. A comunidade se sente invisibilizada, violada, como se seus afetos, sua cultura e religião não tivessem garantias legais que os resguardavam, a partir disso, o distanciamento se inicia, então os moradores começaram algo muito importante para o Quilombo do Cumbe, começaram a se organizar e resistir, pois, a energia é 'limpa', mas sua instalação não. Há mais de uma década que os moradores lutam a fim de desmascarar a suposta "energia limpa" que afeta de forma drástica os modos de vida da comunidade.

Abaixo estão algumas imagens feitas durante a aula de campo:



Mapa de conflitos do Território Quilombola do Cumbe.



Imagen do Mangue morto.





Imagen da visita ao Quilombo do Cumbe



Imagen de alguns aerogeradores na região de Aracati.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de uma comunidade, seus integrantes, com todo o seu conteúdo e contribuição histórica: viveres, fazeres, cultura e memória, devem ser mais importantes do que qualquer empreendimento de valor meramente econômico, o ataque às comunidades tradicionais ferem não somente o interesse individual, mas sim o coletivo. Pode-se perceber que há uma relação histórica entre o ataque e a resistência, entretanto, no Brasil contemporâneo há meios legais de garantia e proteção das comunidades quilombolas que estão sendo sumariamente desrespeitadas.

O Quilombo do Cumbe, não é rico apenas em relação a história e cultura... é rico sobretudo em matéria humana, com isso quero dizer que o povo do Cumbe, e os povos quilombolas de forma geral ensinam a viver, e a viver para preservar para poder permanecer. E permanecer para as comunidades tradicionais muitas vezes é sinônimo de luta, de resistência, de combate de ideias e corpo a corpo, se preciso for, em reverência ao passado que jamais será esquecido, em favor do presente, e sobretudo com vistas a garantia de um futuro digno para as gerações futuras que nascem, crescem e se fortalecem diariamente no seio do Quilombo.



REFERÊNCIAS



X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

FILHOS do vento: energia eólica e impactos socioambientais no Quilombo do Cumbe. [S. l.: s. n.]. 2023. 1 vídeo (69 min). Publicado pelo canal Documentário Filhos do vento.

Disponível em: <https://youtu.be/hNjRzGMewbI?si=TAqCxENuBCHa81RZ>. Acesso em: 30 ago. 2025.

NASCIMENTO J. L. J. Luta por justiça ambiental dos Quilombolas do Cumbe/Aracati – CE, contra o racismo ambiental. In: LIMA I. C. et al. (org). **Educação como forma de socialização**. Porto Alegre, RS: Fi, 2018. E-book disponível em: <https://projetos.uel.br/bibliotecacomum/bc-texto/obras/2019-pack-123.pdf>. Acesso em 25 ago. 2025.